

Bancos aceitam as taxas

por Sônia Jourdani
de São Paulo

"No caminho do que precisávamos." Assim o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Konder Bornhausen, iniciou os comentários feitos, ontem à noite, a este jornal sobre a decisão do governo de alterar a Resolução 923, elevando a remuneração dos depósitos que as instituições financeiras deverão manter até janeiro de 1985 no Banco Central por conta da "rolagem" da dívida externa das estatais.

No entender de Bornhausen, os bancos agora se engajam no processo de "rolagem" porque a taxa que o BC concordou em pagar aos bancos privados pelos depósitos é "suportável". Embora, segundo ele, ainda guarde uma diferença entre o que os bancos pretendiam, aquilo que esperavam receber e o que acabou sendo concedido. O ideal, naturalmente, seria uma taxa equivalente à paga pelos bancos na captação dos cruzeiros que entregaram ao BC na data do vencimento dos débitos. E o que as instituições financeiras esperavam — de acordo com proposta da Febraban — era a correção dos depósitos mais uma taxa igual à praticada nos últimos leilões de venda de títulos públicos, ou seja, algo em torno de 18%.

O Banco Central, porém, aceitou substituir a correção monetária pela cambial na atualização dos depósitos e concordou em remunerá-los no equivalente ao que os bancos pagaram na captação dos recursos externos. Isso significa que a taxa ficará entre 14 e 15%, se a idéia do BC realmente for casar a remuneração com o custo do "funding" em dólares.

"Assim, o banco fica com o dinheiro esterilizado no BC até janeiro, mas sua posição é totalmente reposta", comentou o vice-presidente do Banespa, Gilberto Dupas, para quem a surpresa da mudança na 923 foi a troca da correção monetária pela cambial. O mais curioso, explicou, é que o governo reintroduz a possibilidade de uma futura diferença entre as duas correções.

Dupas acha que o BC, talvez demonstrando compreensão para com os temores dos bancos no que se refere ao risco cambial, aproxima novamente aquele componente psicológico negativo que tanto tempo levou para afastar do mercado financeiro: a sombra da maxidesvalorização do cruzeiro. Corrigindo os depósitos pela variação cambial, na sua opinião, o governo admite que a figura do descolamento entre as duas correções é possível a curto prazo.